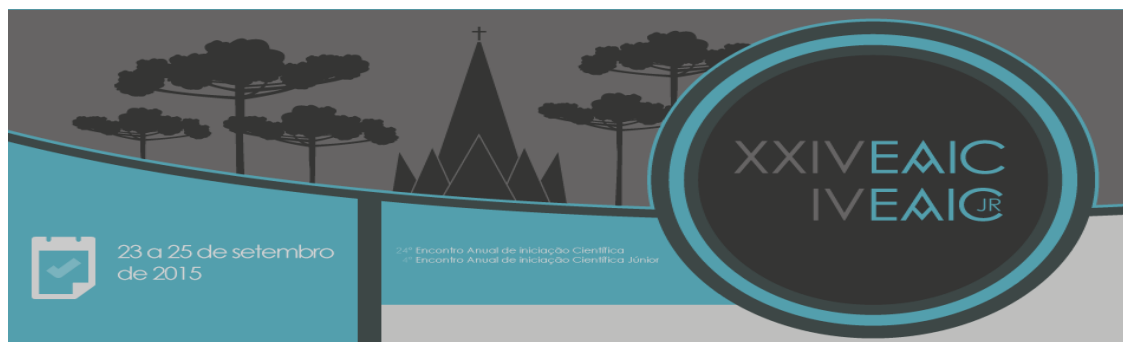




O CONFINAMENTO HUMANO E SUAS NOVAS FORMAS DE SEGREGAÇÃO ESPACIAL

Naiara Valdelaine Balduino (PIBIC/CNPq/Uem), Angela Maria Pires Caniato (Orientadora), e-mail: naiara-101@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Psicologia Social – Papéis e Estruturas Sociais; Indivíduo

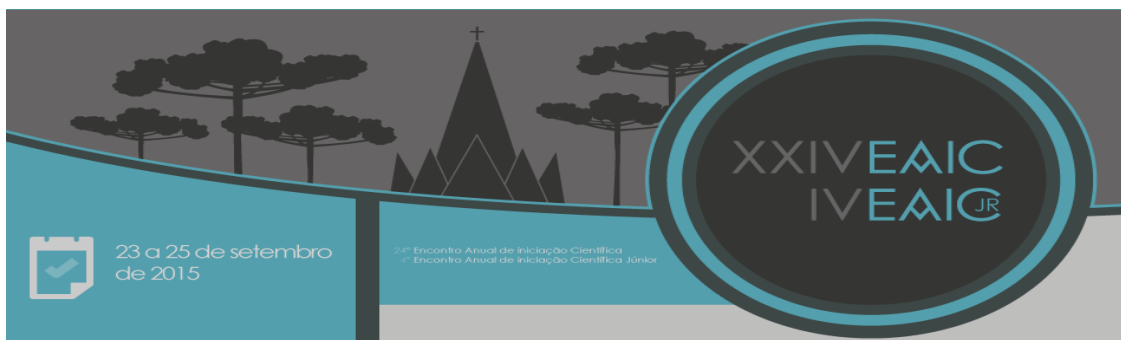
Palavras-chave: confinamento, indústria cultural, subjetividade

Resumo:

O presente trabalho consiste em um levantamento bibliográfico, cujo objetivo foi o de analisar e refletir acerca das novas formas de confinamento na contemporaneidade e suas repercussões enquanto fonte produtora de novas subjetividades. À vista disso, observou-se, portanto, que sob a lógica do espetáculo e frente aos desígnios da 'Cultura do Narcisismo' novas tendências – exibicionistas, vigilantes, performativas e de confinamento – estão surgindo em nossa época e influenciando constantemente à construção das subjetividades humanas, bem como estão alimentando o consumo identitário, que tem visado, essencialmente, à espetacularização dos indivíduos, cuja máxima é o reconhecimento do outro e, sobretudo, o glamour de ser visto nas telas digitais do mundo inteiro. Além disso, foi possível observar a consolidação de vínculos afetivos fragilizados e de relações sociais de exclusão e estranheza. Ademais, fora utilizado como eixo teórico a Psicanálise de Freud e algumas contribuições de Bauman e da Teoria Crítica de Adorno e Horkheimer, na tentativa de articular categorias psicológicas e sociológicas, com vistas a contribuir para uma análise mais crítica sobre a sociedade contemporânea.

Introdução

O caminho que nos propomos a seguir é partir de um desvelamento acerca da constituição e configuração das cidades contemporâneas (CALDEIRA, 1997), que se tem mostrado cada vez mais fragmentárias e excludentes, e capazes de produzirem, em forma de enclaves, um processo que denominamos de confinamento humano, cujas implicações se inscrevem tanto em nível social quanto na subjetividade dos indivíduos. Deste modo, passar-se-á por uma breve exposição sobre o significado linguístico do termo confinamento, bem como serão discutidos sobre os novos modos de



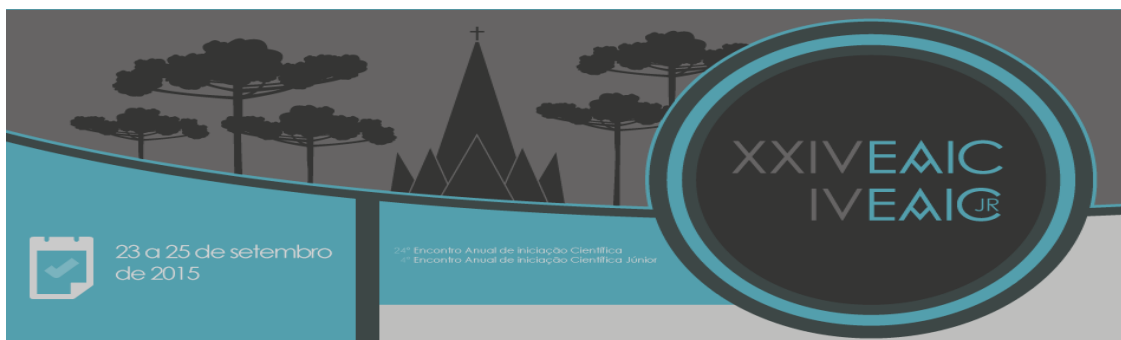
subjetivação e segregação espacial oriundos do processo de confinamento/isolamento na contemporaneidade.

Materiais e métodos

Com intuito de investigar as mudanças que ocorrem na sociedade e nas subjetividades contemporâneas no que concerne aos significados e expressões da fragmentação e segregação das cidades, cujo fim último tem sido as mais variadas formas de confinamento, nos orientaremos no método de abordagem dialética proposto por Lakatos e Marconi (1989) apud Caniato e Nascimento (2007) que percebe e compreende o homem como “construtor da cultura por meio de sua atividade material (o trabalho) e ao mesmo tempo como sustentáculo subjetivo da realidade objetiva na qual está inserido” (p.43). Esse método – agregado a técnica de pesquisa bibliográfica –, permitiu compreender os fenômenos psicosociais em sua amplitude, dando-nos uma compreensão de homem e de sua subjetividade social, cultural e histórica, ou seja, “produto e produtor da Cultura no meio em que vive (LEONTIEV, 1978 apud Caniato e Nascimento, 2007, p.43).

Resultados e Discussão

Etimologicamente o termo confinamento é definido como um limite, algo extremo ou ainda uma fronteira, referindo-se ao ato ou resultado de um indivíduo ou grupo delimitar e/ou determinar um local específico. Já seu significado linguístico traz a ideia de confinamento como um estado de isolamento, isto é, o termo remete a ideia de aprisionamento, de local fechado determinado, que força os indivíduos a se limitarem a uma área específica de maneira a isolarem-se. O ato de ser confinado pode ocorrer por punição ou por outros motivos (por doença ou transgressão social). Além dessas compreensões constatou-se na contemporaneidade a equiparação do termo confinamento à ideia de segurança e vigilância. Esse fenômeno é observado, segundo Caldeira (1997) no movimento de reclusão de alguns grupos sociais em ‘enclaves fortificados’ (condomínios residenciais, *shopping centers*, conjunto comerciais e empresariais); na privatização da segurança por empresas especializadas, nomeadas de “*private security*”. A tudo isso, soma-se a disseminação de notícias e reportagens midiáticas sobre violência, que vêm produzindo um clima social de insegurança e medo, justificando a necessidade do isolamento dos indivíduos, visto que tanto o espaço público quanto o privado é invadido por equipamentos destinados à vigilância, como câmeras, cercas elétricas, sistemas de identificação e monitoramento via satélite, etc.

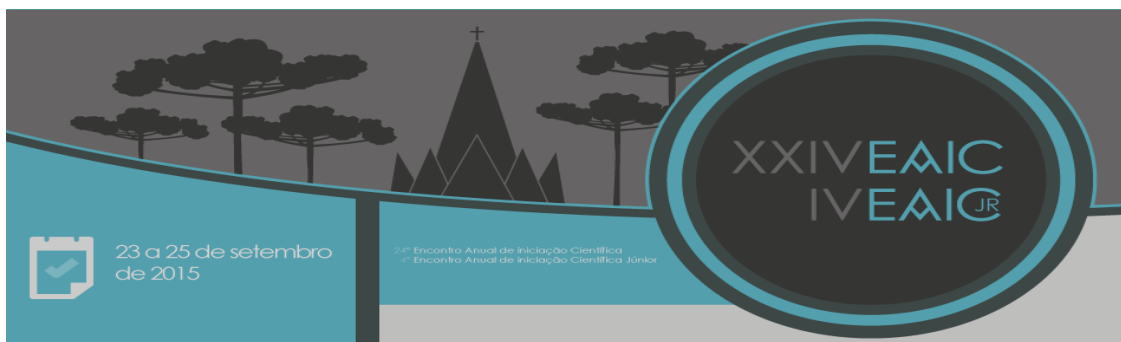


Esse contexto é ainda vendido sob o véu da diversão e do espetáculo, como nos “reality shows”, organizados sob bases da vigilância, da visibilidade e da glamorização, em que os participantes são expostos a situações limites e os espectadores são seduzidos a aderirem e identificarem-se a essas formas de confinamento (CANIATO e NASCIMENTO, 2007). Além disso, o isolamento/confinamento e a vigilância são fetichizados sob a forma de mercadoria espetacular, que se expressa na contemporaneidade de modo atraente e glamourizada através das ‘redes sociais’ e dos sites de relacionamentos como os blogs, o Facebook, o WhatsApp, o Youtube, os fotologs, as webcams, o MySpace, o Skype, oViber, o Instagram, entre outros. Tais mídias simultaneamente ‘invadem’ os espaços públicos e privados dos indivíduos oferecendo domínios – entendidos como ‘segredos’ e/ou ‘privados’, ou ainda de ‘exposição limitada’, de fácil acesso e manipulação de dados e de pessoas –, bem como passa a ser um grande palco de representações, efemeridades, ‘status’ e visibilidade. Enfim, cria-se na contemporaneidade uma nova ordem de supostos ‘relacionamentos’, humanos –, e que de algum modo passam a ressignificar ou ainda originar novos modos de segregação espacial e de subjetivação humana.

Neste sentido, conforme Caldeira (1997), os ‘enclaves fortificados’ tão disseminados na contemporaneidade, encontram no medo da violência “uma de suas principais justificativas” (p.155), servindo como atrativo aos indivíduos que escolhem abdicar do espaço público das ruas, relegando-o aos “pobres, ‘marginais’ e os sem-teto” (p.155). Ou seja, os ‘enclaves fortificados’ tem originado cidades fragmentadas que dificultam a livre circulação pelos espaços públicos que outrora “serviram de fundamento para a estruturação das cidades modernas” (p.155).

Sob essa lógica, poder-se-ia afirmar, segundo Bauman (2009), “que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos [supostos] criminosos” (p.16). Afinal, os indivíduos, tendem a desconfiar daqueles que não são e não conhecem, e consequentemente, se recusam a confiar não só neste, mas, em geral, na solidariedade humana. (BAUMAN, 2009, p.16).

Para o autor, a sociedade moderna substituiu, portanto, as comunidades solidárias pelo “dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo” (ibidem, p.16), isto é, submeter-se a lógica do confinamento e da vigilância com o intuito de delimitar a presença do outro. No entanto, esse engodo não só priva os sujeitos de se vincularem e se relacionarem com os demais, mas prioritariamente, violenta e oprime a subjetividade humana (FREUD, 1996).



Conclusões

O que se conclui, é que a vida nestas cidades fragmentadas tem sido impregnada pelo individualismo, verificável no isolamento/confinamento dos indivíduos, que tendem a buscar lugares e moradias extremamente fechadas, 'reservadas', vigiadas, isoladas, 'seguras', a fim de evitar qualquer contato com o "estranho" e desconhecido, marcando, portanto, o afastamento da alteridade e do diferente. Os excluídos, que não possuem recursos para se realocarem socialmente em espaços 'seguros', se valem do 'apoio' digital que lhes possibilita certa visibilidade social e ainda os reassegura um certo isolamento/confinamento. Contudo, esse grande engodo só violenta e oprime as subjetividades contemporâneas, bem como credita esperança na produção de uma 'proteção tecnológica' em detrimento da solidariedade humana.

Agradecimentos

A toda a minha família, pelo apoio na complexa condição de pesquisador; especialmente agradeço ao meu pai, pelo carinho e dedicação que tivera comigo;

À minha orientadora, Angela Maria Pires Caniato por todo o aprendizado e ajuda ao longo da realização dessa pesquisa.

Agradeço ainda, a Fundação Araucária pelo apoio financeiro recebido.

Referências

- BAUMAN, Z. *Confiança e medo na cidade*. Tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- CALDEIRA, T.P.R. *Cidade de muros – Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000.
- CANIATO, A. M. P. e NASCIMENTO, M.L. *A vigilância na contemporaneidade: seus significados e implicações na subjetividade*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, Jun. 2007.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LAKATOS E. M. & MARCONI, M.A. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 2ªed. Atlas, São Paulo-SP, 1989.